

GERALDO RODRIGUES LIMA

“A Escola Paulista é amor, aqui se encontra amor, por isso ela não pára de crescer, o que se faz com amor não tem volta.”

Sou o professor Geraldo Rodrigues de Lima e é muito gostoso, prazeroso mesmo, falar sobre a Escola Paulista de Medicina. Aos 17 anos eu já havia decidido que faria o curso de Medicina e ele teria que ser aqui na Escola. Sofria a influência do meu cunhado e padrinho que era médico e de uma enfermeira aqui da Escola, minha cunhada Ircia, que falava muito daqui despertando minha imaginação. Não me interessava prestar vestibular em nenhum outro lugar, tinha que ser aqui, uma vez que minha paixão pela Escola era primitiva, até mesmo selvagem. Assim, em 1951 prestei o exame e entrei em trigésimo nono lugar, nessa ocasião eu tinha 18 anos incompletos. Minha formatura foi em 1956 e o paraninfo da turma foi o professor José Gebara, da clínica médica. Durante todo o período da minha formação meu interesse pela Escola foi crescendo muito, imagine que eu não deixava de vir a Escola nenhum dia da semana, estava aqui inclusive aos sábados e domingos.

Na época em que cursei medicina não existia residência médica, o que nós tínhamos era internato com duração de dois anos. Logo no início resolvi entrar para o departamento de clínica médica. É importante lembrar que desde o terceiro ano da graduação eu trabalhava com o professor João Marques de Castro no laboratório central e ter conseguido isso foi uma vitória, vou contar como foi: meu pai ganhava pouco e não tinha condições de continuar me mantendo, eu precisava arrumar um emprego com certa urgência, fui procurar o Dr. João várias vezes e ele nunca me atendia. Certo dia ele falou comigo e pedi um estágio no laboratório central... Ele foi bem incisivo: me mandou procurá-lo daí a 6 meses. Passado esse tempo voltei à sala dele, novamente recebi um não, tornei a procurá-lo daí dois meses e finalmente ele me deu uma oportunidade. Acho que venci pelo cansaço.

O professor João Marques era uma pessoa excepcional, enérgica, inteligente, cuidadosa e devo a ele meus conhecimentos mais detalhados e profundos sobre medicina, além da importância da dedicação, do estudo, enfim, ele teve uma grande influência na minha formação médica. O laboratório central era muito freqüentado pelo pessoal da clínica médica, principalmente pelo professor Oswaldo Ramos, filho do professor Jairo Ramos, com quem me identifiquei logo no princípio; havia também o Dr. Oscar Portugal. Fui trabalhar depois na seção de metabolismo e nutrição com professor Magid e posteriormente trabalhei com o professor Silvio Carvalhal, que ainda é vivo; é meu compadre, tem quase noventa anos, está lúcido e teve também uma influência extremamente grande na minha formação. Ele e o professor Jairo Ramos, marcaram demais minha vida médica. Com o tempo o professor Jairo Ramos tornou-se um grande amigo, mestre e muito me incentivou. Já no quarto ano comecei a me interessar pela obstetrícia.

Eu fazia clínica médica durante a semana na Escola e aos domingos ia fazer obstetrícia no Casa Maternal. Fui me encantando por esse trabalho e comecei a aplicar meus conhecimentos de clínica médica na grávida, o que não era usual; os obstetras não tinham essa idéia de unir as especialidades e ali encontrei um nicho muito bom onde pude juntar clínica médica e obstetrícia. Com o passar dos anos fui me tornando um obstetra clínico, uma especialidade que, de fato, não existia. Então comuniquei ao Prof. Jairo Ramos que havia decidido deixar a clínica médica para me dedicar somente à obstetrícia. Consegui minha transferência para o serviço de ginecologia que tinha como professores o Dr. Otaviano e o Dr. Medina. Na verdade, o Dr. Otaviano era representante do Dr.

Medina que acumulava o cargo de titular na Escola e na Faculdade de Medicina da USP, assim ele pouco vinha à Escola e quem mandava efetivamente era o Dr. Otaviano. Nesse período, então, trabalhava com o Prof. Otaviano durante a semana e continuava na Casa Maternal (que vivia mudando de diretor) aos finais de semana. Lá conheci o Dr. Domingos Delascio, com quem aprendi muito. Sai de lá para ir à Inglaterra por dois anos, onde tive a oportunidade de me dedicar a Endocrinologia da Reprodução, tendo por professores vários *experts* ingleses. Isso foi em torno de 1962/63. É importante lembrar que antes de ir para a Inglaterra trabalhei na Santa Casa com o Prof. Gutilla para treinar a parte cirúrgica do aparelho digestivo.

Quando voltei da Inglaterra ingressei no Hospital do Servidor Público onde pude colocar em prática os meus conhecimentos de endocrinologia, que havia adquirido no exterior, e tinha também como substrato meus conhecimentos de clínica médica adquiridos dos Professores Silvio Carvalhal e Jairo Ramos. Quando cheguei comecei a preparar minha tese de doutorado que foi efetuada no departamento de farmacologia sob a orientação do professor Ribeiro do Vale. Depois estudei a frequência de anemia por carência de ácido fólico através da dosagem do ácido forminoglutâmico e para tanto tive a colaboração importante da professora Eline do Prado e dos professores Marcelo Pio da Silva e José Kerbauy. Esse material me serviu para conquistar o título de docente livre de obstetrícia desta escola, em 1969.

Em 1974 fiz o concurso de livre docência em ginecologia com o Prof. Otaviano Alves e de posse dessas duas livres docências, do doutoramento e dos inúmeros trabalhos que eu vinha publicando formei um currículo bastante adequado para me candidatar a professor titular do departamento de ginecologia onde havia sido aberta uma segunda vaga. Na verdade foi o primeiro concurso do departamento, pois o Prof. Medina veio quando a Escola foi fundada e o Prof. Otaviano foi indicação dele. Assim, de 1978 a 2003, portanto 25 anos, fui o titular da ginecologia. Devo dizer, e muitos colegas concordam com o que vou colocar, que durante minha gestão o departamento cresceu de uma forma robusta, porque democratizei o serviço. Para se ter uma pálida idéia, até 78 tínhamos 4 defesas de tese e de 78 a 2003 esse número subiu para 300! Muitos trabalhos foram publicados, a produção cresceu assustadoramente e embora hoje eu não esteja mais lá, pois o departamento está sob responsabilidade do Prof. Edmundo Baracat, que preparei para ser professor titular, a produção se mantém. Depois da minha saída, veio para o meu cargo o professor Manoel Girão que também formei para ser professor titular.

Formei uma escola onde meus alunos foram tomando lugares importantes em toda ginecologia paulista e brasileira. O diretor do Hospital do Servidor Público é nosso aluno, assim como o responsável pelo setor de câncer ginecológico do Hospital do Câncer. O diretor do Hospital Pérola Byngton é oriundo da Escola. Acho que nós construímos uma escola de ginecologia que durará muitos e muitos anos e embora eu tenha me aposentado, ainda continuo na Escola à disposição de meus colegas, sempre que sou solicitado.

Nasci em Casa Branca, onde meu pai tinha uma fazenda e era engenheiro agrônomo. Depois mudamos para Sertãozinho quando eu era pequeno. Sertãozinho é um lugar interessante. Sessenta anos atrás, quando fomos para lá, aquilo era de fato um sertãozinho, uma cidade minúscula cuja economia era a fabricação de carroças. Hoje ela é a terceira ou quarta cidade com PIB mais elevado do Brasil por causa das usinas de cana-de-açúcar. Quando fomos para lá meu pai foi ser diretor zootecnista e engenheiro agrônomo de uma fazenda do governo e ficamos por ali durante uns vinte anos.

Em 1950 resolvi tomar um trem e vir para São Paulo. Sozinho, desci na Estação da Luz e fui morar em uma pensão no bairro de Pinheiros. Logo entrei no Cursinho Oswaldo Cruz, pois era necessário

me preparar para entrar na Escola Paulista. Nunca fiz nada além do que medicina, desde a infância, juventude, minha cabeça é preocupada com medicina, com a Escola e com esse amor que não acaba nunca por ela.

Tenho três filhas, três netas e uma família bastante agradável. Uma das minhas filhas chegou a cursar até o segundo ano de medicina e depois desistiu, feliz ou infelizmente, não sei, pois hoje ela está muito bem na profissão que escolheu.. Confesso que fiz um pouco de força para que ela escolhesse medicina, porém quando ela me disse que até poderia fazer o curso, mas nunca ginecologia, meu interesse para que ela se formasse não era mais tão grande. Creio que aprendi que a gente não deve influenciar os filhos na escolha da profissão, eles têm que fazer o que gostam, pois a maior felicidade do ser humano é gostar daquilo que faz e me considero uma pessoa extremamente feliz porque adoro o que faço. Acho que nasci para ser médico, ou melhor, para ensinar medicina, sou um bom médico, mas ensino muito melhor... Minha paixão é formar gente e nesses anos todos foi o que mais fiz, tenho até um documento da Escola Paulista que diz que estou lecionando aqui desde 1954, isto é, 2 anos antes de me formar...

Naquele tempo a Escola era muito pequena, mas nesses últimos 15 ou 20 anos o crescimento dela foi uma loucura. A escola era minúscula, era apenas um prédio. Quando entrei aqui a Escola ainda era particular, veio a se federalizar por volta de 1955. No início consegui uma bolsa mensalidade, mas assim que consegui um trabalho remunerado, fui até a secretaria e dispensei a bolsa em favor de outro estudante que tivesse necessidade. Depois de 10 anos abandonei a clínica médica para me dedicar à Ginecologia e Obstetrícia e com aquele substrato firme e seguro que havia adquirido do Dr. Carvalhal e do Dr. Jairo Ramos consegui fazer um tipo diferente de prática médica que foi se firmando e com o tempo permitiu que a Ginecologia ganhasse uma estrutura diferente.

A Universidade cresceu muito e creio que aos poucos ela vá se firmando nesses outros campi e com certeza se tornará grande em todas as áreas, mas acho que o núcleo central sempre será a Escola Paulista de Medicina. A Escola Paulista de Medicina continuará sempre existindo. Sou epemista, nasci e vou morrer epemista; quero que a Escola cresça e que a produção científica continue cada vez mais impressionante. Este é um centro de intelectualidade médica diferenciado, é uma ilha de excelência em tudo que diz respeito à cultura e à intelectualidade no Brasil e na América do Sul e pra mim é uma grande satisfação, um orgulho ser da Escola, nascer na Escola, viver na Escola, ver a evolução que ela está tendo. Acho que vou deixar a marca de um homem que formou muita gente, um professor que trabalhou para o coletivo, cujo ensino sempre foi democratizado, que fez durante sua gestão 8 livre-docentes.

Claro que com esse crescimento todo, com a preocupação sobre a pós-graduação, a graduação foi sendo deixada um pouquinho de lado. É necessário, nos dias de hoje, que o currículo seja mudado. A especialização tem mudado o jeito de se fazer medicina e é preciso que isso seja transposto para o curso médico. Não é mais tão importante que se tenha um conhecimento geral, por exemplo, se você vai se dedicar a uma superespecialidade. A não ser que o sujeito queira ser um médico generalista, um médico de família, não adianta ficar estudando tudo; porque ter um volume de informação que é uma barbaridade e que não vai ser usada? Sei que o corpo é um todo, mas hoje, ensinando medicina, a gente não tem condições de ensinar tudo. Acho mais barato e não demora tanto ensinar logo a especialização. Além do mais com tantas escolas de medicina o número de médicos é extremamente grande, o que eles vão fazer? Tenho minhas dúvidas sobre se o ensino da medicina deve ser muito amplo, acho que já no primeiro, segundo anos deve ser selecionada a área na qual o individuo quer atuar e fazer só coisas que tem a ver com ela, vai ficar perfeito e não vai perder tempo, mesmo porque é muito difícil se manter atualizado em muitos campos, a gente nunca

consegue aprender tudo... Eu leio, leio, estudo todos os dias e não consigo acompanhar as informações que saem só sobre ginecologia.

Quando me aposentei fiquei com muito medo, apavorado, afinal não sei nem fritar um ovo! Graças a Deus não houve muitas modificações, passei a me ocupar mais da minha clínica particular e deixei as aulas para os mais jovens; de vez em quando ainda dou uma aulinha... Mas a aposentadoria é um susto, ainda mais para aqueles que não têm clínica particular e acabam ficando com o salário pequeno... Se o sujeito não se preparou acaba ficando meio no ar... Conheço vários colegas que entraram em depressão. Também tive sorte nas minhas escolhas com relação às pessoas que me auxiliaram, sempre consegui perceber os talentos de cada um e por isso pude contar com excelentes auxiliares. Tem que se tomar cuidado para não colocar as pessoas erradas no lugar errado, senão a Disciplina não evolui, então é importante dar oportunidades aos jovens, como eu fiz.

Olhando para trás vejo que a Escola Paulista foi 75% da minha vida, os outros 25% sobraram para o resto... Nossa! É até engraçado, tenho 75 anos, a Escola faz 75 anos e 75% da minha vida foi dedicada à Escola...e o mais importante é que a única coisa que eu queria, além do que já consegui, era viver para sempre para continuar por aqui. Sempre que entro numa sala de aula hoje, digo aos alunos que a Escola nos dá tudo, só precisamos ter persistência e determinação, porque a medicina exige isso. Recomendo que eles não fiquem querendo fazer muitas coisas ao mesmo tempo, que não se mexam muito, pois quem se mexe não sai no retrato. Se não existisse a Escola minha vida não teria sentido e tenho consciência que a Escola não tem volta, tenho certeza que ela vai continuar progredindo muito, existem muito jovens professores entrando, com inteligência diferenciada que são uma nova injeção de animo no motor da Instituição e é um óleo fino, bem refinado. Nós éramos uma Escolinha e hoje somos o que somos graças ao trabalho de várias personalidades que acreditaram e amaram a Escola Paulista como os Professores Jairo Ramos, Oswaldo Ramos, José Maria de Freitas, antigos diretores, gente que se dedicava, amava este lugar. A Escola Paulista é amor, aqui se encontra amor, por isso ela não pára de crescer, o que se faz com amor não tem volta.